

# **PESQUISA**

## **BASÍLICA NOSSA SENHORA DO CARMO: RELIGIOSIDADE POPULAR E PASTORAL URBANA**

*André Luis Fávero*

*Rafael Capelato*

*Rodrigo Catini Flaibam*

*Sandro de Souza Portela*

*Wilson Enéas Maximiano*

### **INTRODUÇÃO**

O presente texto é resultado de uma pesquisa realizada na Basílica de Nossa Senhora do Carmo, Campinas, SP, no contexto dos *Estágios Pastorais* do Curso de Teologia do ITCR da PUC-Campinas, sob a orientação do Prof. Dr. Pe. Luiz Roberto Benedetti. Essa pesquisa não se pretende esgotada, ao contrário, lança elementos que dão margem a outros aprofundamentos, dos mais diversificados interesses.

Pretendemos oferecer o quadro religioso característico dessa igreja, principalmente no que tange uma religiosidade popular marcada por práticas devocionais, levando também em consideração elementos sociológicos atualmente abordados por muitos estudiosos, na perspectiva de uma sociologia da religião. Contudo, não podemos nos esquecer que a proposta de pesquisa surgiu com a preocupação primeira de refletir quadros de uma pastoral urbana a se delinear sempre mais concretamente nas preocupações pastorais da Igreja.

Assim, iniciamos com uma descrição do campo, ou seja, elementos que constituem o meio urbano em que está situada não a

igreja enquanto prédio/construção somente, mas também e acima de tudo o que ali pudemos observar e refletir nos termos da vivência religiosa, e como estes aí exercem influência marcante.

Posteriormente, tentamos levantar aspectos que envolvem a reflexão teológica de uma pastoral urbana para delinear sua preponderância como pano de fundo dos estudos feitos, sem nós atermos propriamente a especificidades da Basílica do Carmo ainda. Na mesma perspectiva, a religiosidade popular e o catolicismo tradicional, de forma abrangente, para somente depois podermos compreender melhor a Basílica do Carmo, nesses contextos.

A religiosidade popular é analisada em relação à religião institucional, burocrática, em relação aos referenciais do mercado (capitalismo neoliberal) enquanto mercadoria a ser adquirida em relações de troca, venda/compra, para finalmente tentarmos delineá-la em relação a uma proposta de vivência cristã ideal, no seu aspecto marcadamente comunitário.

Achamos por bem incluir em termos de anexo, alguns dados acerca da pessoa do Monsenhor Geraldo Azevedo que, por 37 anos, esteve à frente da Basílica do Carmo. Também incluímos alguns elementos históricos acerca do título de Basílica conferida a esta igreja. São dados que talvez ajudem nas análises dos elementos expressos no estudo.

## 1. DESCRIÇÃO DO CAMPO

O corpo tradicional da Basílica respira em plena realidade urbana, em pleno centro de uma metrópole de mais de um milhão de habitantes, onde diariamente passam os mais variados tipos de pessoas: executivos, mendigos, camelôs, donas de casa, "office boys", funcionários públicos, catedráticos, comerciários, comerciantes, crianças abandonadas, "povo de rua", pessoas obrigadas a prostituir-se, universitários, idosos, e também cães de madames, carros poluentes, viaturas policiais etc. A Basílica assiste ao mais eclético dos desfiles todos os dias e, é claro, muitos do que dele fazem parte raramente não passam por ela sem lá entrar, ao menos uma única vez, seja para lá rezar, descansar, conhecer, ver o movimento da praça, escapar de ladrão etc. Enfim, ela é como um catalisador da realidade urbana complexa de Campinas.

Em seus arredores temos como que uma síntese do mundo urbano, um resumo do que existe na grande cidade dentro do modelo teórico elaborado por José Comblin segundo o qual a cidade seria a concentração de uma série de funções: função de morar, trabalhar, circular, estudar, etc. A característica principal desse modelo é que consagra a desintegração da vida humana em setores independentes e faz da vida o cumprimento mecânico de uma série de funções (fragmentação do mundo urbano).

Assim, encontramos em torno da igreja e da praça Bento Quirino: comércio variado, bancos, centro de atendimento da Previdência Social, estacionamentos particulares, bares/restaurantes/choperias, farmácia, correio, casa lotérica, livraria, bingo, bancas de jornais e revistas, prédio da PUC, consultórios de diversas áreas da medicina etc. Trata-se de uma "praça universal" que fornece um panorama da complexidade da vida na grande cidade. E o templo católico pode parecer como mais uma opção para os cidadãos campineiros, uma freguesia bastante diversificada.

O cenário também pode parecer até contrastante, mas o homem urbano moderno já se acostumou a conviver com o sagrado e o profano ao mesmo tempo. Vale notar que embora muita coisa ao redor tenha mudado de nome, de cara e, logo, de freguesia, a Igreja continua sempre a mesma. Talvez tudo pode mudar naquele miolo da cidade, mas com certeza a Basílica do Carmo será sempre ela mesma e estará sempre lá: imponente, bela, famosa, visitada (?), tradicional (?)...

Ela é não só ponto de reverência (a Deus, aos santos), mas também ponto de referência de qualquer viandante. A poeira dos seus muitos anos não ofusca o seu brilho, nem o seu destaque mediante qualquer localidade da área a ela próxima. Este privilégio próprio pode ser mais um fator favorecedor das permanentes visitas que recebe. Ousamos comparar: ela é uma "mãezona" de todos, velha sim, mas querida, digna de saudades e acolhedora de todos, de todos mesmo, sem exceções – não é à toa que às suas portas, em dias pré-fixados, há distribuição de sopão aos mendigos, embora realizada por um grupo seguidor do carisma de São Francisco de Assis, a chamada "Toca de Assis", que não é precisamente da paróquia.

Esse fato nos faz notar que a Igreja do Carmo já é um traço característico do centro da cidade, ou seja, há muito já faz parte de sua identidade e, conseqüentemente, está mais que arraigada na memória e no coração - com fortes vínculos afetivos - do campineiro.

## 2. PASTORAL URBANA

Em Puebla vemos que, “na passagem da cultura agrária à urbano-industrial a cidade transforma-se em impulsora da nova civilização universal”<sup>1</sup>.

Podemos afirmar que na cidade moderna nasce, se expande e se desenvolve um novo estilo de vida. O fenômeno urbano é um processo que levará, diferentemente de um crescimento apenas industrial ou demográfico, a uma nova ordem mundial, em todos os sentidos que a sociedade abarca.

A isso podemos chamar de “urbanização”, embora seja muito difícil definir, com exatidão, o sentido pleno de tal verbete, devido à grande adjetivação que o termo contempla. Podemos tê-lo, em princípio, como antônimo do que habitualmente chamamos de “ruralização”. A urbanização é o resultado da interação de diversos fatores que ainda se encontram em movimento, em ebulição e até mesmo com novas iniciativas emergentes e potenciais.

Em se tratando desse assunto, a Igreja do Brasil manifestou publicamente, com o seu Documento 56, que previa a atuação da Igreja no período que antecedia o ano Santo Jubilar, ano 2000, uma certa preocupação a esse respeito:

*“Dado o vertiginoso processo de urbanização, cujos efeitos se deixam sentir até no mundo rural, a Igreja do Brasil se encontra hoje diante de uma verdadeira terra de missão. Organização funcional e realidade dinâmica, criadora de cultura, a cidade moderna se articula como espaço de liberdade, aberto a idéias, opiniões e símbolos novos, que levam o habitante do mundo urbano a tomar nas mãos a construção da sua própria vida e a rever, permanentemente, as suas convicções herdadas. Na cidade moderna, o cristão será não mais produto de uma fé recebida e conservada, mas fruto de um encontro pessoal com Cristo. Daí a urgente necessidade de uma pastoral urbana inculturada, programada de acordo com os ritmos da vida da cidade”<sup>2</sup>.*

<sup>(1)</sup> Puebla, n. 429.

<sup>(2)</sup> CNBB, Documento 56 - Rumo ao Novo Milênio - Projeto de Evangelização da Igreja no Brasil em preparação ao Grande Jubileu do Ano 2000.

Tamanha a exigência e a emergência de se fazer algo nesse sentido que a Igreja do Brasil, ao elaborar as Diretrizes da Ação Evangelizadora para os anos 1999 a 2002, assim acrescentou pedindo:

*“Orientações para a evangelização dos católicos não-praticantes, com especial atenção à pastoral urbana e aos jovens; para a evangelização dos indiferentes ou sem religião, com atenção às questões éticas e à comunicação social; para o empenho na missão “além-fronteiras” e na cooperação com as regiões mais carentes no Brasil”<sup>3</sup>.*

Diante do fenômeno urbano podemos elencar uma série de encontros e de relações sociais daí provenientes. Primeiramente podemos citar a maneira com que o homem se relaciona com a natureza num mundo urbanizado, depois a maneira com que ele se relaciona com as outras pessoas e, por fim, como se dá essa relação com Deus. Esses três pontos são essenciais e característicos de uma correta antropologia, pois todo ser humano se relaciona com essas três realidades, além de estar em relação consigo mesmo, que, para a Psicologia, é o mais essencial de todos. Como não faremos uma análise psicológica dessa relação, ater-nos-emos a analisar os três primeiros.

De todos esses três aspectos, podemos ter diferentes análises, sendo eles ora positivos, ora negativos. Isso porque dependendo do ponto em que analisamos tal afirmação, pode ser a melhor, de outro, pode ser altamente prejudicial. Como exemplo disso temos a relação do homem urbano com a natureza. Se da cidade não se vê e nem se vislumbra a mata, a floresta, o meio rural, a fauna, a flora, por outro lado, a cidade nos remete a eles quando nos lembramos de sua importância para a própria vida urbana, quando nos lembramos da importância do equilíbrio que deve haver no ecossistema, ainda que, muitas vezes, não fazemos nada para mantê-lo ou, pior, prejudicamo-lo.

Na cultura agrária, outrora predominante, “imperava uma relação sacral do homem com a natureza, que, por sua vez, despertava e alimentava nele sentimentos de reverência, de emoção artística e de assombro metafísico. Obra de Deus, nela o finito revela o infinito”<sup>4</sup>.

Já a cidade moderna é obra do homem. Ela leva as marcas de sua criação, de sua inteligência, de sua decisão e de seu poder. Aqui

<sup>(3)</sup> CNBB, *Documento 61 - Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil*.

<sup>(4)</sup> CHEUCHE, A. C., *Cultura e Evangelização*, p. 101.

aparecem como mais importantes as relações de um ser aberto, sem raízes, de um ser dinâmico, com uma mentalidade técnico-científica, como analisa Cheuiche.

Por outro lado, observa-se um retorno aos valores da natureza na sociedade urbana atual. Retorno esse que se dá devido à aceitação do homem de que, embora não viva nesse contexto, é necessário mantê-lo ativo e em perfeitas condições para o bom desenvolvimento de toda a espécie humana. É a necessidade de se incorporar esses desafios à própria realidade urbana.

Essa relação com a natureza é perfeitamente notada quando analisamos o espaço rural e o espaço urbano. Na cultura rural, o templo é revestido de uma sacralidade, da qual o lar do indivíduo se aproxima. Já na cidade, a casa é apenas o local de repouso, o que leva o templo a assumir mais bruscamente esta noção de espaço sagrado, o que não ocorre no lar. A casa, para o homem urbano, é como se fosse uma máquina para se dormir: as pessoas pouco se encontram, é um entra e sai o dia todo, nunca a família está reunida e muito menos se dialoga.

*“Na cultura agrária predomina o tipo primário de relações interpessoais: estabelecem-se e se mantêm a partir dos laços de parentesco e de proximidade física. Esse contato pessoal concreto e permanente funciona como controle social e, por isso mesmo, assegura a continuidade inquestionável da cultura tradicional. Recebem-se, por herança, valores e costumes, e a fé dos pais continua a ser a fé dos filhos”<sup>5</sup>.*

Na cultura urbana isso não aparece. Há uma grande variedade de contatos, uma gama enorme de espaços de relações, há a inquestionável influência dos meios modernos de comunicação, as diversas possibilidades do mundo urbano, o pluralismo da sociedade... Tudo isso leva a uma desarticulação do homem urbano com o seu próprio grupo natural e até mesmo do controle social que o grupo exerce sobre o indivíduo.

Aquelas relações primárias, que são amplamente percebidas no meio rural, são minimamente presentes na urbana. Elas são substituídas por relações funcionais nas quais a herança cultural mencionada anteriormente não chega de maneira tão marcante ao seu

<sup>(5)</sup> Idem, *ibidem*, p. 103.

descendente e muito menos a fé religiosa é assegurada eficazmente de pai para filho.

Quanto às relações com Deus, estas constituem o aspecto menos estudado da cultura urbano-industrial e, no entanto, representam o maior desafio para a evangelização no presente e no futuro. Na sociedade urbanizada, consciência eclesial e consciência pública não mais se identificam, e esta, como consequência profana, mostra-se mais forte. Podemos citar Puebla:

*“A Igreja encontra-se diante do desafio de renovar sua evangelização para ajudar os fiéis a viverem sua fé cristã no quadro dos novos condicionamentos que a sociedade urbano-industrial cria para a vida de santidade, para a ação e a contemplação, para as relações entre os homens que se tornam anônimas e arraigadas no puramente funcional”<sup>6</sup>*

A Igreja, embora aberta à transculturação, não podemos deixar de ver e compreender que por mais de 18 séculos foi unicamente “rural”, ou se preferir, mantinha um discurso para o mundo rural. O que deve ocorrer, portanto, é a Evangelização da cultura. O perigo atual parece consistir em pretender continuar dando respostas agrárias a problemas urbanos, do qual sobram exemplos. Para ilustrar isso, citamos um trecho do Documento 48 da CNBB, que reflete bem a mentalidade do Papa e a sua intenção em ver o Evangelho inculturado:

*“João Paulo II insiste na inculturação dos evangelizadores na cultura à qual se propõe a mensagem do Evangelho. Isto exige a formação de agentes de pastoral para a cidade, tanto sacerdotes como religiosos e leigos. Daqui nasce, igualmente, a necessidade de uma pastoral vocacional urbana para os diferentes ministérios.*

*A interdependência é uma característica marcante da vida da cidade, ao contrário da vida rural. Na cidade todos dependem de todos. Contudo, dada a heterogeneidade própria dos aglomerados urbanos, há uma tendência a fechar-se em si mesmo e desinteressar-se pelo bem comum, como já denunciou Paulo VI (OA 11). Não obstante isso, a solidariedade constitui a única resposta à interdependência da vida moderna. Se, de um lado, a pastoral urbana deve responder aos*

---

<sup>(6)</sup> PUEBLA, n. 433.

*angustiantes problemas pessoais através do anúncio da Boa-Nova; do outro, tem que criar novas formas de presença pública na sociedade, suscitando a consciência ética no campo das ciências, das instituições e das expressões para a defesa do bem comum, dos direitos humanos, da vida, da ecologia.*

*A grande cidade continua no seu crescimento demográfico, em grande parte devido às migrações forçadas, com graves conseqüências negativas. Na América Latina, o processo de urbanização se caracteriza por uma constante oferta de mão-de-obra, impossibilitada de ser absorvida. Desta forma, ao desenraizamento do campo, segue a marginalização de muitos irmãos nossos na periferia das grandes cidades. Trata-se, no comum dos casos, de pessoas ligadas às comunidades do campo, que se sentem desamparadas e desorientadas em seu novo hábitat. A pastoral das migrações deve ser parte integrante da pastoral urbana, sendo uma de suas formas de atuação, com equipes dedicadas a acolher, ajudar e criar novas raízes e a animar a fé destes irmãos que migram do campo para a cidade.*

*Enquanto predominam no campo as relações primárias, pessoais, na cidade prevalece o tipo de relações secundárias. As pessoas se encontram não porque vivem perto, mas porque exercem a mesma função ou trabalham na mesma empresa. Só uma estrutura supra-paroquial poderia responder a essa exigência da pastoral urbana de evangelizar os grupos especializados, mediante encontros de reflexão para operários, empresários, médicos, advogados, técnicos, políticos etc.<sup>7</sup>*

Podemos terminar afirmando como Cheuiche: "A presença dos cristãos na cidade não é uma situação adquirida". E, assim, "a dimensão do Reino de Deus coincide com o espaço da cultura, onde o cristianismo deve agir como fermento e ser lêvedo na massa da história"<sup>8</sup>.

Diante de tudo isso, concluímos, de forma simples e plenamente explícita, que o mundo urbano, em sua complexidade,

<sup>(7)</sup> CNBB, Documento 48 - *Das diretrizes a Santo Domingo*.

<sup>(8)</sup> CHEUICHE, A. C., *Cultura e Evangelização*, p. 105.

coloca desafios à pastoral da Igreja. Eis algumas características da civilização urbana importantes para serem levadas em consideração:

- impera a “ética do instante”;
- tendência ao individualismo; liberdade das tendências tradicionais; busca individual da realização subjetiva; busca de novas respostas às angústias e anseios pessoais;
- complexidade, diferenças e fragmentação. A cidade não é mais tricêntrica (igreja - praça - casa) e sim policêntrica;
- sociedade voltada para a inovação: tudo é revisado continuamente;
- realidade de exclusão de massas e a presença constante da violência.

Isso posto, citamos um outro texto da Igreja, do Documento 54 da CNBB, que levanta elementos para uma pastoral urbana e que dá orientações para a atuação nesse sentido:

*“Especial importância merece a pastoral urbana, com a criação de estruturas eclesiais novas que, sem desconhecer a validade da paróquia renovada, permitam que se enfrente a problemática apresentada pelas enormes concentrações humanas de hoje. As divisões entre as paróquias devem ser flexibilizadas, colocando o bem do povo acima de uma concepção territorial estreita e inadequada à realidade da cidade grande. Equipes pastorais podem servir mais eficazmente áreas urbanas compostas por várias comunidades.*

*Na cidade é que se encontram em gestação as novas formas da cultura. Daí a necessidade de se buscar caminhos, na experiência e na imaginação, para a pastoral urbana. Por um lado, é preciso multiplicar e diversificar, segundo as especificidades do meio urbano, dentro de interesses e necessidades grupais, comunidades eclesiais que suscitem, eduquem e apoiem a experiência da fé a partir da Palavra, da Eucaristia, da comunhão fraterna e do empenho no serviço dos irmãos.*

*Por outro lado, é preciso criar ou desenvolver pólos ou centros de evangelização, que atendam à mobilidade da população urbana, que ofereçam oportunidades múltiplas de*

*contato com a mensagem evangélica e a experiência eclesial, que possam tecer uma rede de contatos com aqueles cidadãos que mais dificilmente conseguem se ligar de forma permanente com uma comunidade estável*<sup>99</sup>.

Se tomarmos o Documento 62 da CNBB, ele, por sua vez, elenca outras considerações bastante presentes da cultura urbana atual e tenta dar outras pistas de atuação para suprir estas necessidades. Analisemos, então, um trecho que parece ser merecedor de nossa atenção:

*“O pluralismo cultural e religioso da sociedade moderna se manifesta, antes de tudo, nas grandes cidades. O recente Sínodo para a América reconhece a presença de ‘dificuldades tão grandes que as estruturas pastorais normais se tornam inadequadas’. Incentiva, por isso, a continuar ‘na procura dos meios com os quais a paróquia e as suas estruturas pastorais se tornem mais eficazes nas zonas urbanas’ e sugere, como meio de renovação paroquial, a perspectiva da ‘paróquia comunidade de comunidades e de movimentos’. Julga ‘oportuna a formação de comunidades e grupos eclesiais de tal dimensão que permitam estabelecer verdadeiras relações humanas’. Nessa perspectiva, já existem experiências de comunidades e grupos que se especializaram no acolhimento de um público determinado - desde a pastoral dos condomínios ou dos arranha-céus até os grupos de rua - ou prestam serviços específicos como centro de formação teológica e pastoral, cursos de formação política, experiências de catecumenato para jovens e adultos, centros de espiritualidade. Por outro lado, parte da população urbana não se liga mais à paróquia em que reside, mas escolhe a comunidade eclesial que quer freqüentar ou se integra em movimentos eclesiais onde se sente bem acolhida. Muitos fatores da vida urbana ultrapassam a paróquia e se situam no nível da cidade inteira ou de regiões metropolitanas, abrangendo vários municípios.*

*Tudo isso exige no plano pastoral ações de nível regional ou diocesano, como, por exemplo, no uso dos meios de*

<sup>99</sup> CNBB, Documento 54 - Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil, 1995-1998.

*comunicação social, na pastoral da saúde, na pastoral universitária ou na presença cultural. O desafio da pastoral urbana não é constituído, porém, apenas pela organização de novas formas de comunidade eclesial ou de serviços pastorais. Ainda mais forte é o desafio das modalidades da experiência religiosa, da espiritualidade e da linguagem que as novas gerações urbanas esperam de uma comunidade cristã criativa, fiel ao Evangelho e, ao mesmo tempo, atenta às mudanças da cultura e das formas de vida”<sup>10</sup>.*

### **3. RELIGIOSIDADE POPULAR E CATOLICISMO TRADICIONAL**

Isso posto, mediante a pesquisa realizada na Basílica Nossa Senhora do Carmo, observando, dentre tantas possibilidades e esferas de análise desse contexto religioso, ressaltamos o que se refere mais diretamente ao fenômeno, ali marcante, da religiosidade popular.

*Como compreender as características dessa religiosidade enraizada na Basílica do Carmo, no centro urbano de Campinas, fazendo uso de referenciais da sociologia, para aprofundar a compreensão de uma pastoral urbana: eis nossa preocupação.*

A imensa maioria dos brasileiros chega à fé cristã. Tem acesso à Revelação cristã via um catolicismo transmitido de geração em geração. Portanto, é um fato mais cultural e coletivo que individual por decisão pessoal. Porém, esta forma tradicional tem sofrido e continua ainda sofrendo profundas transformações, cujas repercussões se tornam mais sensíveis, naturalmente, no meio mais letrado.

Podemos facilmente observar que os eventos fundamentais da existência do brasileiro são acompanhados pelos sinais dos ritos católicos: nascimento (batismo), início da vida conjugal (sacramento do matrimônio), festas cívicas e/ou sociais (celebrações litúrgicas), morte (funeral cristão, missa de 7º dia).

Pelo rito do batismo a criança é constituída “um fiel” da religião católica. O batismo é a porta de entrada. A catequese familiar ou paroquial ou escolar constitui-se o lugar de sua consolidação. O

<sup>(10)</sup> CNBB, Documento 62 - *Missão e Ministérios dos cristão Leigos e Leigas.*

matrimônio fecha o fiel no círculo estreito da religião, preparando-o para continuar a cadeia gerando filhos para essa religião. Estes, por sua vez, percorrerão depois o mesmo caminho: batismo, catequese, matrimônio. Mas não é somente esta estrutura eclesial que garante essa via de acesso aberta à maioria do nosso povo. Há um amálgama entre sociedade, tradição cultural e Igreja Católica, cuja liga resultante é um sagrado católico que permeia a vida de todos.

Tal religião popular formou-se com traços medievais, com forte tônica tridentina, com o toque barroco, com o remate da restauração católica até os umbrais históricos do Concílio Vaticano II.

É um catolicismo que passeia muito mais à vontade no espaço do simbólico, do maravilhoso, do fantasioso, do imaginativo que do racional, do intelectual, do teorético, da rigidez fria da ortodoxia. O simbólico, neste caso, exerce uma dupla função: psicológica e política. Psicológica enquanto traduz arquétipos profundos, desejos subterrâneos, aspirações primigênicas do ser humano, que a razão cartesiana não alcança. E política enquanto força de resistência e de mobilização que o povo tem, oferecendo-lhe a oportunidade do exercício de sua liberdade, de sua autonomia, de sua fantasia, de seus desejos, de seus interesses. Sob forma simbólica, os elementos que, politicamente poderiam ser interpretados de maneira subversiva e perturbadora, escapavam à censura e à vigilância das classes dominantes, ao considerá-los inocentes, inócuos, ineficazes.

A fantasia popular encontrou na dimensão devocional de sua religião amplo espaço de expansão. No centro desse universo religioso está o "santo", enquanto pessoa humana tocada pelo divino. A força dos santos residia fundamentalmente nos seus méritos diante de Deus, que se traduziam em graças para nós na terra. De um lado, está o fiel em necessidade material ou espiritual, de outro o santo com sua poderosa intercessão. O milagre atestava a força do santo. Enquanto nas devoções mais antigas, de caráter medieval, o santo era mais um dispensador de graças, assume ele agora o papel de ser um ideal de vida para os fiéis.

O pietismo barroco também invadiu a religiosidade brasileira com sua tônica sentimental, de ternura, de compaixão, de reparação, permitindo à dimensão cúltrica ocupar seu lugar.

Ligada à dimensão devocional e milagreira, cumpriu função importante a bênção, que faz parte dessa religião que espera intervenções maravilhosas de Deus na vida, como uma forma menor de milagre.

O catolicismo popular revela, também, uma face combativa e vitoriosa. A vida cristã é um combate contra os inimigos externos e internos. A vitória não se pensava simplesmente em nível individual, pela força da graça, mas como da Igreja enquanto instituição, acentuando-se, assim, até um certo culto à Igreja.

Outra característica desse catolicismo popular era a dupla face de rigidez disciplinar oficial e liberdade criativa popular. Há, também, um corte penitencial, que acompanha nosso povo. Existe uma percepção de sofrimento, de penitência, de austeridade, de autopunição em vista de obter benefícios dos céus.

Também uma característica a-social, a-histórica, sob certo aspecto, alienada, do catolicismo, alimentou uma passividade e uma posição a-crítica nos fiéis no campo da atuação social e política.

Sendo, pois, um catolicismo fortemente cultural, a família se constituía como lugar privilegiado de sua transmissão, encontrando, porém, na catequese paroquial e na escola, sua continuidade. Era mais tradição que decisão.

Contudo, esta descrição de natureza mais sociológica que religiosa não esgota de modo nenhum a realidade da religiosidade popular. Para muita gente, a religiosidade popular, o catolicismo tradicional foi autêntica vivência de fé e lugar religioso para vida de real santidade. Para muitos outros, tal realidade religiosa foi tornando-se obsoleta e incompreensível.

Mais que ninguém, o jovem universitário percebe que este caminho da religião tradicional se torna menos freqüentado de um lado; e de outro, é submetido a forte autocrítica por aqueles que o trilharam até então. A primeira percepção se refere ao sistema de transmissão da fé, já não mais com o mesmo desempenho dos tempos anteriores. O batismo já não garante a transmissão da fé. Percebe-se a catequese como uma "violência simbólica" em que se impõem significações, conteúdos como legítimos, dissimulando as relações de força que lhe são o fundamento da força (simbólica). Freqüentemente o catequizando se submete à ação pedagógica da Igreja ou da Escola, desinteressada e desmotivadamente. Não capta o significado nem do conteúdo nem da própria realidade da catequese. Sente que o ensino não serve para nada, não lhe resolve os problemas reais de hoje, não constrói o futuro do mundo, não o prepara para a vida.

A unidade religião-cultura-sociedade se fraciona ao embate do processo secularizante da modernidade. O avassalante impacto dos meios de comunicação social devasta com seu universo de valores secularizantes e secularistas o jardim da cultura popular religiosa. O homem desloca o centro de explicação da religião para a ciência. Com o grande irromper do êxodo rural, o universo religioso coletivo sofreu mudança profunda. Também o embate estritamente ideológico, sobretudo por parte do marxismo, tem minado a visão religiosa tradicional. À autoconfiança da e na Igreja seguiu-se forte período de críticas e autocríticas. Assistiu-se ao processo de esvaziamento e desligamento de tantos e tantos fiéis. Instalou-se neles a crise; e muitos, sobretudo no mundo intelectualizado dos estudantes, de profissionais liberais e de operários de regiões mais industrializadas e modernizadas, ainda não conseguem reconciliar-se com a revelação cristã em virtude das falhas do sistema tradicional. Ao perceberem o caráter impositivo da fé cristã, rebelam-se contra ele.

Caminho válido para tantos e tantos milhões de brasileiros. Caminho ainda real em regiões intocadas ou pouco afetadas pelo processo secularizante da modernidade. Caminho tornado empecilho para inúmeras outras pessoas que o trilham nos tempos de infância e adolescência. E como tal número tende a crescer, tal via aparece hoje extremamente precária. O risco de que seus caminantes amanhã abandonem a via por conta dos próprios percalços encontrados nela se faz sempre maior. Alerta sério para uma catequese que ainda teima em ser tradicional.

Cada vez mais se faz evidente que o acesso do homem moderno à religião deve passar necessariamente pela liberdade, pela decisão pessoal, pela escolha livre, mesmo em idade bem jovem.

O caminho da religiosidade popular vem sofrendo modificações. A religiosidade vem se articulando cada vez mais com a dimensão social e política. Há o crescente esforço de associar o batismo com tomadas de decisão livres por parte da família. Também a catequese tem passado por reestruturações profundas, numa linha mais existencial e personalista.

#### 4. A BASÍLICA NOSSA SENHORA DO CARMO NESTE CONTEXTO

A partir das pesquisas que pudemos realizar, muitos questionamentos foram sendo levantados, notadamente no que diz respeito ao foco de nosso estudo, a religiosidade popular na Basílica do Carmo, tendo como pano de fundo maior, perspectivas de uma pastoral urbana.

Aquilo que, de certa forma, prevíamos, foi aos poucos se delineando na sutileza e espontaneidade de atitudes que observamos, reflexões das entrevistas, palavras e expressões (chavões), captadas aqui e ali, no ambiente da igreja.

Percebe-se no início do séc. XX um novo tipo de manifestação religiosa. Além dos praticantes e dos piedosos, surgem muitos “não praticantes” e os “adaptados às estações”, que podem ser também chamados de “festivos”. Enquanto que os não praticantes quase nunca freqüentavam os sacramentos, os festivos participavam do Natal, da Páscoa, da festa do Padroeiro e de ocasiões semelhantes. Todos eles conservavam elementos da fé nas suas crenças e no seu comportamento moral geral, e de forma alguma podiam ser considerados ateus. Isso é o que foi muito bem percebido quando estivemos realizando nossa pesquisa na Basílica de Nossa. Sra. do Carmo, em Campinas.

Alguns podem chamar isso de *religiosidade popular*. Podemos perguntar, então: o que significa o termo “popular” no contexto religioso? Classe social ou cultura do povo no sentido de folclore? Qual é o critério para poder afirmar, com bastante segurança, que uma pessoa é de fato católica e vive de acordo com a mensagem de Cristo? Freqüente-se a missa aos domingos ou uma vida familiar harmoniosa? Ou existem tipos, graus no catolicismo? Eis algumas questões que nos incentivaram e direcionaram a nossa pesquisa.

Günter Paulo Süß, em seu livro *Catolicismo Popular no Brasil*<sup>11</sup>, caracterizou o catolicismo popular brasileiro em diferentes aspectos, o que pudemos também perceber entre aqueles que foram objetos de nossa pesquisa. Baseados nas afirmações de Süß, destacamos:

(11) São Paulo, Loyola, 1979.

- *Católicos formais*: que praticam a sua fé e tem conhecimento suficiente;
- *Católicos nominais*: sua identificação com a religião é mais superficial e rotineira;
- *Católicos culturais*: apreciam o catolicismo enquanto integra e promove a sociedade e a cultura;
- *Católicos populares*: cuja vida é empobrecida na dogmática e na moral, e, às vezes, é misturada com elementos não cristãos.

Ele ainda distingue os católicos entre tradicionais e interiorizados. Entre os tradicionais, classifica os pertencentes ao catolicismo tradicional rural e ao catolicismo tradicional urbano, no qual cabe um papel importante aos costumes, à organização das normas sociais através dos valores religiosos. No catolicismo interiorizado a pessoa assume a religião, porque as circunstâncias externas já não a facilitam. Aqui, facilmente, aparecem mais conflitos, mas será mais espiritual, mais moderno e socialmente mais engajado.

Quando analisa a religiosidade popular, encontra três tipos:

1. *Catolicismo ritual*: vive a religião ocasionalmente em situações de emergência (1), fazendo promessas, executando ritos (2) para chegar ao sagrado (3), de quem espera o atendimento de seus pedidos (4), pronto a pagar o que deve (5) - assim o ciclo se repetirá sem repercussão na vida da pessoa, sem conversão;
2. *O Catolicismo festivo*: vive a religião nos dias de festa (1), indo a elas e mesmo recebendo os sacramentos (2), adorando Jesus e venerando os santos (3), a fim de obter a animação, a segurança e o cumprimento de seus desejos (4), depois dá graças (5) - porém recomeça o mesmo círculo na próxima festa e nem nele se nota repercussão na vida concreta;
3. *Catolicismo histórico*: vive a religião linearmente todos os dias (1), no encontro com o próximo, na leitura do Evangelho e na Celebração da Eucaristia (2), unindo-se a Jesus, o Cristo, e ao Pai (3), a fim de obter não só o consolo e a consecução de seus fins, mas uma verdadeira esperança (4), pronto a assumir um compromisso ético para moldar

realmente a sua vida (5) - e com isso o círculo não se repete propriamente, mas com cada passo se ascende sempre mais a Deus e se chega mais perto do próximo.

Acima, de propósito, quisemos demonstrar os cinco passos que cada um deles dão para se chegar a um fim que seja satisfatório para cada fiel. É claro, que, para nós, o mais correto parece ser o terceiro modelo, porém não é este que mais se destaca na Basílica do Carmo. É bem claro, para nós, que o que mais se apresenta lá é o primeiro modelo apresentado, haja vista a grande participação dos fiéis nas celebrações às quartas-feiras, nas quais são celebradas missas com a novena de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, bem como com o grande número de pessoas que por lá passam, o dia todo, para rezar, não tanto diante do Santíssimo, mas, sobretudo, diante dos inúmeros altares de santos e santas, de "Nossas Senhoras", que lá estão dispostos por todo o Templo.

Podemos perceber três diferentes motivações que levam uma pessoa a buscar a religião.

Primeiramente, podem ser de ordem cosmológica (em que se é despertado ao sagrado via forças cósmicas - como a religião dos indígenas brasileiros, ou o esoterismo, por exemplo -, na qual é importante que o sagrado lhe sirva), psicológica (o homem procura pela religião, antes de tudo, efeitos psicológicos como a paz, serenidade, a interiorização silenciosa, enfim, a segurança interna) e escatológicas (quer assegurar a salvação, mas quase de forma mágica). Estas não querem transformar a vida do fiel, mas assegurar-lhe certos benefícios que almeja e que não quer deixar de possuir. Na Basílica do Carmo, obviamente, destacam-se estes dois últimos exemplos.

Em segundo lugar, predomina a fidelidade ao grupo em que a pessoa vive, quer usando a religião espontaneamente como parte integrante da vida social, quer racionalizando, como por exemplo na afirmação "o brasileiro é bom católico" etc. Este exemplo de pessoas utiliza a religião para fins sociais. Isso é muito percebido na Igreja do Carmo, como ficou evidente na ocasião do falecimento do Monsenhor Geraldo Azevedo.

Em terceiro lugar, na motivação de transformação espiritual, a pessoa não pode viver sua religiosidade se não houver, simultaneamente, também motivação estritamente sobrenatural, movidas, nas suas práticas e na sua vida cristã, por um amor transformante. Esse grupo se esforça para transformar sua vida segundo a mensagem de

Cristo. Como em qualquer outra denominação cristã, isso também lá acontece.

O catolicismo popular, portanto, deve ser interpretado, antes de tudo, em termos de motivação religiosa e de comportamento religioso. Os fatores sociais e econômicos são importantes na vida religiosa, mas não são os fundamentais. Há pessoas em que a necessidade existencial suscita motivações religiosas, mas que não tiveram oportunidade de encontrar-se com a mensagem cristã, empregando, pois, facilmente, práticas religiosas não necessariamente cristãs.

Diante de tudo isso, é compreensível que a religiosidade popular também se caracteriza por um grau elevado de espontaneidade nas suas expressões religiosas e por uma independência doutrinal.

Contudo, vale ressaltarmos que existem fiéis que conhecem a Basílica como a palma da mão - e não estamos falando só do pároco. Quem vai lá constantemente e não apenas de passagem. Pessoas que lá construíram parte de suas vidas, com suas famílias e lhez são literalmente fiéis. Estes, além de já fazerem parte da história da Igreja não de modo anônimo, também acompanharam as mudanças que ela "sofreu" e as chances de mudanças que não aconteceram. Estas pessoas disseram que "o Carmo é mais que a casa (delas)", é "onde melhor se encontram com Deus" e também "com os amigos". São estas pessoas que, como em toda paróquia, assumem as responsabilidades da programação paroquial, sejam pastorais, econômicas, litúrgicas etc. Elas são, juntamente com o pároco, as molas propulsoras das atividades lá realizadas.

Quanto aos que lá "visitam", estes, às vezes, acabam sendo, de certa forma, atingidos pelo que lá encontram, sejam as rezas, a arte, o silêncio, a fama (prestígio) do local. Mas nada mais que isso. Nada de engajamento. Talvez um despertar, mas muito raramente. Talvez, ainda, um mero estabelecer de relações comerciais com o sagrado, via símbolo de imagens de santos. Ou até, talvez, a única marca que levam consigo quando de lá saem é a da roupa umedecida pela água benta com que se benzeram, o que não tarda em desaparecer.

Pensamos nós que talvez seja pelo fato de ser tão "ecclética" que, além de lugar sagrado, onde se administram os sacramentos e se ouve a Palavra de Deus, seja também lugar de outros eventos como palestras, apresentações musicais, autos etc.

Outro aspecto marcante e contrastante é a presença de ricos e pobres; sendo que a maior parte dos visitantes estão mais para os

segundos. Ambas as classes sociais se fazem presentes com suas preces, suas ações de graças, seus pagamentos de promessas, suas doações, enfim, com seu jeito de se expressar religiosamente. Sob o símbolo do sagrado todos se misturam, embora apenas quando estão lá.

Mas, um dos traços mais característico desta tradicional paróquia é a *Novena de N. Sra. do Perpétuo Socorro*, que acontece, faça chuva ou faça sol, todas as quartas-feiras. É como se fosse a “alma” da paróquia. Desde muito tempo sempre freqüentadíssima, é um “Deus nos acode” de tantas súplicas que, julgamos, nem a Virgem do Perpétuo Socorro dá conta e até ela precisa ser socorrida. Mas o que mais convém dizer dessa novena é simplesmente que ela é uma boa fotografia da paróquia - ao menos até então - e nela vemos nitidamente representado tudo o que até agora citamos acima: contrastes sociais, “ecletismo”, acolhimento, complexidades do catolicismo popular tradicional etc.

#### **4.1. Relação entre religião institucionalizada e religiosidade popular no mundo secularizado**

Primeiramente, fortalecemos nossa hipótese de que existe uma relação íntima entre a repulsa, por parte da sociedade urbana, pela religião institucional burocratizada, de um lado, e a busca sempre crescente das pessoas pelos elementos de uma religiosidade marcadamente devocional, individualizada, capaz de satisfazer aos anseios que a realidade desperta, à confusão e ao sentimento de “vazio”.

Tentaremos, de forma sucinta, delinear os elementos da hipótese formulada, apontando aspectos observados, conteúdos das leituras feitas e as reflexões do grupo.

Existem reações diferenciadas nas pessoas quando o que está em jogo é a relação com uma religião institucional, hierárquica, burocrática ou com a prática espontânea da fé, muito mais condicionada por uma consciência subjetiva individual. Vejamos situações concretas.

Em certas celebrações dominicais, de modo principal e curioso, destaca-se grande presença de jovens, muitos dos quais universitários provenientes de outras cidades, agora residentes nos arredores, dentro ou fora do limite territorial da paróquia. Residem, de todo modo, no centro urbano, devido, sobretudo, à presença próxima de uma universidade e vários cursos de preparação para os processos seletivos das universidades (cursinhos), bem como à facilidade de locomoção para

estes e mesmo outros ambientes acadêmicos. Nesse encontro do jovem com o tradicional que se dá na Basílica do Carmo, percebe-se uma outra faceta da paróquia, marcada pelo cumprimento de preceitos, seja pela herança religiosa desses jovens, seja pela busca que estes fazem da religião, graças à insegurança e dificuldades das novidades que o mundo acadêmico, longe da família, lhes impõe. Tudo isso ficou-nos claro mediante entrevista realizada com alguns jovens que lá encontramos, em uma de nossas visitas.

Vale ressaltar que estes jovens, por sua vez, afirmavam que não têm muita rigidez na frequência nas celebrações, mesmo porque muitos deles nem são todos os finais de semana que lá se encontram, seja por voltarem para as casas de seus familiares esporadicamente ou porque crêem que isso não é tão essencial para suas vidas, ou seja, o fato de ir à missa ou não, depende muito das circunstâncias que estão vivendo no momento.

A ida ou não à missa, concluímos que fica em segundo, ou até terceiro plano, quando se tem outras opções mais atraentes para a juventude. Assim, podemos citar um churrasco com os amigos, um encontro com a namorada, um momento na choperia, um dia ensolarado que propicia outras atividades mais lúdicas como uma piscina ou uma tarde no clube.

Um dos jovens entrevistados, 22 anos, universitário, disse que sempre que está em Campinas no final de semana, procura a Basílica do Carmo para participar da missa porque em sua cidade de origem assim o faz, mas que, apesar de possuir uma vida muito “piedosa”, rezando o terço diariamente e fazendo as suas orações da manhã e da noite todos os dias, lembrando de seus familiares e amigos, agradecendo a Deus todos os dias pela sua vida e pedindo ajuda para procurar fazer somente o bem naquele dia, além de pedir ânimo e coragem para enfrentar as dificuldades da faculdade e de seu trabalho (estágio remunerado que faz em vista dos cumprimentos acadêmicos), vê na missa uma grande monotonia e um “sempre a mesma coisa”, como ele mesmo disse. Para este jovem, a missa deveria ser mais atraente e atender aos interesses e aspirações de pessoas de sua idade, a começar pelos hinos que são cantados durante a celebração e pelo discurso do padre que, muitas vezes, é retrógrado para a mentalidade dos jovens de sua mesma faixa etária.

Este mesmo jovem afirmou, só para ratificar, que quando não vai à missa num final de semana, só fica chateado quando o fez por

preguiça pura, pois disse não trocar uma outra atividade que julga mais atraente pela simples participação na missa, que não lhe traz nada mais que um cumprimento de preceito e que considera que suas orações pessoais e individuais o colocam mais profundamente em contato com o Deus que ele acredita, que é o mesmo Deus dos cristãos católicos.

Podemos perceber, através do depoimento deste jovem, que ele não encontrou sentido, quem sabe ainda, na Celebração da Eucaristia.

Analisando uma outra questão levantada por este jovem, podemos ver, numa outra parte de seu depoimento, que afirmava, que nestas ocasiões, ou seja, quando permanece em Campinas no final de semana, aproveita para fazer de tudo que durante a semana lhe é impossibilitado, como “beber todas”, ir a boates, sair com amigos e não ter hora para voltar, “cantar as meninas” por onde passa e, se “rolar” alguma coisa, por que não deixar acontecer? (disse, porém, que usa sempre camisinha...) e que tudo isso não o deixava menos digno de “ir à fila da comunhão”, pois são atos e ações próprias de pessoas de sua idade e que o Deus que ele acredita entende sua situação...

Sentimos um grande paradoxo em sua vida - que pode ser exemplo e modelo de muitos outros jovens que lá se encontram.

Isso nos ajuda a perceber também, o quanto, numa sociedade pluralizada em todos os seus âmbitos, onde o que dita as normas é o mercado neoliberal, existe uma crise das instituições, principalmente as religiosas. Estas lutam para permanecerem legitimadoras e objetivadoras da sociedade. Não podemos deixar de perceber a religião como o instrumento mais amplo e efetivo de legitimação; com suas instituições ordenadas, burocratizadas, tentam manter a realidade socialmente definida. Contudo, vivemos uma fragmentação de todos os setores da vida, gerando uma sensação cotidiana de insatisfação, ausência de direcionamentos, parâmetros, ao lado de um prazeroso sentimento de liberdade e independência. Entre os extremos, impera a sensação do caos! Baudrillard, em sua obra *A transparência do mal*<sup>12</sup>, referenda esse contexto de fragmentação social.

(...) *“Nada mais, (nem mesmo Deus) desaparece pelo fim ou pela morte mas por proliferação, contaminação, saturação e transparência, exaustão e exterminação, por epidemia de simulação, transferência na existência segunda da simulação.*

<sup>(12)</sup> BAUDRILLARD, J., *A Transparência do Mal. Ensaio sobre os fenômenos extremos.*

*Já não há modo fatal de desaparecimento, mas sim um modo fractal de dispersão”.*

Assim, as instituições não desaparecem, mas se vêem encurraladas por uma enxurrada de opções de vida encontradas pelas pessoas, que cada vez mais são “donas de si” (imperam igualmente uma “ética do indivíduo”) e vêem seus elementos característicos amplamente secularizados, disseminados pela cultura midiática. Se na sociedade tradicional havia uma uniformidade religiosa, harmoniosamente consolidada, legitimante, na sociedade moderna o quadro muda significativamente.

*“(…) enquanto as instituições religiosas fazem concorrência definindo fronteiras, discutindo verdades, buscando ortodoxias (e as impondo a seus membros), os indivíduos escolhem o que lhes agrada, o que dá resposta a seus problemas. Há um deslocamento do foco: das instituições para os indivíduos, da imposição para a escolha (...). No crer e no agir, a escolha individual é mais decisiva que a palavra da autoridade”<sup>13</sup>.*

O próprio interior de uma mesma instituição religiosa assiste, freqüentemente a situações de divisão de posturas, conflitos ideológicos, dificultando o diálogo em seu âmbito interno.

Existe, assim, um fenômeno religioso bastante vivo e eclético em torno das “consagradas instituições”. Inserida num núcleo que constitui como que uma síntese do “caos” urbano pela diversidade de espaços e situações, a igreja do Carmo representa, para muitos, a possibilidade de um retorno à ordem natural das coisas, da vida, ao menos em termos de estrutura interna de consciência do indivíduo. Lá encontramos pessoas que “param” a fim de descansar um pouco, sair por uns minutos do “correr” das ruas, encontrar refúgio em face de ameaças como assaltos, chuvas fortes. Também permite desafogar o “stress” e angústias pessoais, adquirindo um “santinho” com uma “oração forte”, “benzendo-se” em alguma imagem de algum dos inúmeros santos ali existentes, distribuídos pelos altares. Outros buscam os sacramentos e sacramentais (Eucaristia, confissão, bênção de imagens, medalhas e mesmo pessoas), e rezam fórmulas tradicionais de oração (terços, novenas).

O que mais pudemos observar foram práticas devocionais, e até supersticiosas, particularizadas, cada qual criando seu próprio ritual

<sup>(13)</sup> BENEDETTI, L. R., *Religião: crer ou consumir?* em *Vida Pastoral* n. 213, p. 2.

ao visitar a igreja, embora vimos também pessoas com consciência mais apurada da doutrina católica e da frequência às celebrações litúrgicas. Muitos ali estavam por encontrarem-se em situações limites da vida: desemprego, doença, morte de entes queridos, falta de dinheiro e dívidas, buscando tranquilizar, ainda que parcialmente, a consciência perturbada.

Isso tudo se torna ainda mais evidente na novena de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro que acontece todas as quartas-feiras às quinze horas. A imagem da Virgem que acalenta nos braços o Filho que se encontra “assustado” com a proximidade do caminho da cruz, exerce efeito catalisador, reunindo muitas pessoas que, no momento, passam por situações de desespero.

Poderíamos aqui, recuperar um trecho de Peter Berger, em seu livro *O dossel sagrado*, aludindo às categorias “cosmos” e “caos” em relação ao papel da religião.

*“O cosmos sagrado, que transcende e inclui o homem na sua ordenação da realidade, fornece o supremo escudo do homem contra o terror da anomia. Achar-se numa relação “correta” com o cosmos sagrado é ser protegido contra o pesadelo das ameaças do caos. Sair dessa “relação correta” é ser abandonado à beira do abismo da incongruência. Não é fora de propósito observar aqui que o vocábulo “caos” deriva de uma palavra grega que quer dizer “voragem” e que “religião” vem de uma palavra latina que quer dizer “ter cuidado”. Por certo, aquilo sobre o que o homem anda cuidadoso é sobretudo o perigoso poder inerente às próprias manifestações do sagrado. Mas por trás desse perigo está o outro, muito mais horrível, de que se possa perder toda conexão com o sagrado e ser engolido pelo caos. Todas as construções nômicas, destinam-se a afastar esse terror. No cosmos sagrado, porém, essas construções alcançam sua culminância, a sua apoteose”<sup>14</sup>.*

Presenciamos, assim, uma busca religiosa intensa por pessoas, na maioria, sem expectativa para a vida, vulneráveis às forças de uma sociedade neoliberal. Desfez-se a consciência, de que, no meio da sociedade, é preciso atuar de modo significativo, gerando relações. Perdem-se as identidades próprias, fragmentam-se as instâncias de luta,

<sup>(14)</sup> BERGER, P., *O dossel sagrado*, p.40.

reivindicações, defesa dos direitos, enfim, vive-se à mercê das leis do mercado. Nesse sentido, questionamos se a pluriforme variedade de manifestações religiosas que encontramos na Basílica do Carmo, não seria uma forma de fuga revestida de fantasia e consolo fácil.

#### **4.2. De uma prática religiosa transformada em religião de mercado para uma vivência cristã comunitária**

Constatamos na Basílica do Carmo, assim como, de um modo geral na maioria das Igrejas de centros urbanos, que esta vem se tornando lugar onde a prática religiosa é transformada numa espécie de religião de mercado; ou seja, a disposição das imagens dos santos no interior do templo, santinhos com orações miraculosas, devoções a "santos" populares, inclusive àqueles questionados pela tradição como por exemplo "Santo Antônio do Categeró", fazem com que fiéis e pessoas transeuntes no centro da cidade entrem no templo e façam um breve "contrato" com o santo ou "divindade" perante suas dificuldades, doenças, problemas no trabalho etc. Perguntamo-nos então: como evangelizar nesse contexto?

Achamos que primeiramente devemos levar a sério a experiência religiosa subjetiva dos fiéis, mesmo que ela possa se manifestar em formas bastante afastadas dos conteúdos objetivos da experiência cristã. Deve-se levá-la a sério ao menos como busca, como procura, como ponto de partida. O fiel poderá apresentar uma exigência religiosa aparentemente superficial ou rígida. O pastor poderá sofrer a tentação de recusar ou corrigir logo tal exigência. Somente a paciência de um diálogo autenticamente pastoral poderá ajudar a fazer emergir o sentido profundo da busca religiosa do fiel e uma resposta, ao mesmo tempo acolhedora e crítica, do pastor.

Em particular, deve-se assinalar uma dificuldade freqüente hoje no campo moral, onde a distância entre as diretrizes do Magistério eclesial e a consciência dos fiéis leigos é, em muitos casos, grande. Cabe ao pastor procurar explicitar o sentido das orientações da Igreja, mas também deixar claro *oprimado da consciência* (nos termos da Declaração conciliar "*Dignitatis Humanae*").

A pastoral - em suas diversas dimensões (litúrgica, catequética, social...) - deve estar atenta à pessoa em sua integridade ou

totalidade, evitando acentuar demasiadamente um aspecto em prejuízo dos outros. Por exemplo, a pastoral tridentina acentuou demasiadamente aspectos jurídicos e intelectuais, em prejuízo da dimensão simbólica e da dimensão afetiva. Isso deveria ser corrigido.

A atitude de abertura à pessoa pode se traduzir, antes de tudo, na disposição à acolhida e, na medida do possível, no acompanhamento e aconselhamento, sem contudo perder de vista o risco de certa “psicologização” da atividade pastoral.

A pastoral deve oferecer ao indivíduo uma ajuda para estabelecer uma ligação entre sua fé e sua vida cotidiana. Trata-se de um desafio particularmente grave na sociedade moderna urbana, onde se acentuou a distância entre a fé e a “cultura” (o mundo vital das pessoas). O fenômeno deve ser atribuído, em parte, a um defeito da própria ação pastoral, que se afastou da vida cotidiana dos fiéis, por diversas razões históricas (catolicismo devocional, separando as práticas de piedade do comportamento ético; inexistência de uma espiritualidade laical, inclusive pelo excessivo clericalismo etc.). Por outro lado, o fenômeno é consequência da própria estruturação da vida moderna, que tende a separar as diversas esferas da atividade humana, afastando a religião e a ética da economia, da política, da ciência, das profissões...

Diante de tal desafio, a Igreja tem uma responsabilidade, uma tarefa? Certamente sim. A fé cristã tem um lugar em tudo isso. Mais especificamente, o desafio moderno é superar a dicotomia entre “sistema” e “mundo vital” e reintroduzir a ética nas atividades sistêmicas, autônomas, desligadas, sem referência a não ser a si mesmas (ao poder pelo poder, ao lucro pelo lucro, ao conhecimento pelo conhecimento).

Numa palavra: a Igreja, depois de séculos de ênfase sobre a instituição (ou sobre a instituição instituída, já feita), é desafiada a voltar a ser ação, movimento, instituição a ser permanentemente criada, e não mera “mercadoria”. *“Ecclesia semper reformanda”*, como a cidade de hoje e de amanhã. Uma Igreja sempre em construção...

E, finalmente, podemos afirmar que cabe ao cristão que vive nesta realidade reconstruir a vida comunitária de comunhão e participação, na qual deve haver fé na palavra, gratuidade na partilha e serviço aos irmãos. É na comunidade que se pode desenvolver o grande desejo do homem da cidade que tem sede de Deus, sede de infinito.

## CONCLUSÃO

Como vimos, são muitos os elementos levantados em torno da religiosidade popular nesse contexto urbano, tornando a reflexão da pastoral e o seu planejamento, algo complexo.

Não poderíamos concluir as análises da situação pesquisada sem apontar algumas perspectivas de atuação pastoral naquele contexto. Isso o fizemos sem pretensões de oferecer "formulas prontas", o que seria uma ingenuidade. Nada melhor do que uma prática de pastoral devidamente acompanhada/orientada, para nos ajudar a delinear, juntamente com os conteúdos teóricos, as perspectivas de atuação. Para isso, um passo decisivo precisaria ser dado em nossas Igrejas particulares, no sentido de possibilitar a nós, estudantes de teologia, termos acesso/contato com as igrejas dos centros urbanos, percebendo-as, em termos pastorais, no mesmo "pé de igualdade" com as comunidades dos bairros e periferias. Criou-se a idéia de que contextos como estes da Basílica do Carmo pouco têm a contribuir para a formação dos futuros presbíteros e, no entanto, aos mesmos compete a reflexão metódica e sistemática de uma sempre necessária pastoral urbana, pastoral de conjunto.

## BIBLIOGRAFIA

- ANTONIAZZI, A. & CALIMAN, C. (org.), *A presença da Igreja na Cidade*, Petrópolis, Vozes, 1994.
- BAUDRILLARD, J., *A Transparência do Mal. Ensaio sobre os fenômenos extremos*, Campinas, Papirus, 1990.
- BENEDETTI, L. R., *Os santos nômades e o Deus estabelecido: um estudo sobre religião e sociedade*, São Paulo, Paulinas, 1983.
- BERGER, P. L., *O dossel sagrado: elementos para uma teoria sociológica da religião*, São Paulo, Paulus, 1985<sup>2</sup>.
- CELAM, *Puebla: Conclusões. A Evangelização no Presente e no Futuro da América Latina*, São Paulo, Loyola, 1979<sup>2</sup>.
- CHEUICHE, A. C., *Cultura e Evangelização*, Porto Alegre, EDIPUCRS, 1995.
- CNBB, *Documento 48 - Das diretrizes a Santo Domingo*.

- CNBB, *Documento 54 - Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil - 1995-1998.*
- CNBB, *Documento 56 - Rumo ao Novo Milênio - Projeto de Evangelização da Igreja no Brasil em preparação ao Grande Jubileu do Ano 2000.*
- CNBB, *Documento 61 - Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil.*
- CNBB, *Documento 62 - Missão e Ministérios dos cristãos Leigos e Leigas.*
- CNBB, *O Fenômeno Urbano: Desafio para a Pastoral*, Petrópolis, Vozes, 1995.
- COMBLIN, J., *Teologia da Cidade*, São Paulo, Paulinas, 1991.
- \_\_\_\_\_, *Viver na Cidade: Pistas para uma nova pastoral urbana*, São Paulo, Paulus, 1996<sup>2</sup>.
- LIBÂNIO, J. B., *Deus e os Homens: os seus caminhos*, Petrópolis, Vozes, 1996.
- PRO ARIS ET FOCIS, Da Matriz velha da Conceição à nova Matriz do Carmo*, São Paulo, Estúdio Gráfico Cruzeiro do Sul, 1939.
- SÜSS, G. P., *Catolicismo Popular no Brasil*, São Paulo, Loyola, 1979.

## ANEXOS

### 1. MONSENHOR GERALDO AZEVEDO<sup>15</sup>

A vida de Monsenhor Geraldo Azevedo foi uma festa. Tendo nascido no campo, em Vinhedo, em 1921, demonstrou sempre amor à natureza, à vida, às pessoas. Seu forte era a comunicação. Desde os tempos em que foi pároco de Iracemápolis, em 1950/1955, vivia no meio do povo, movimentando a comunidade com suas procissões, visitas às fazendas e rezas na igreja. Quando passou pelo Bonfim, em 1958/1963, cativou os moradores do bairro, com sua fala simples, direta, objetiva, popular e atraente.

---

<sup>(15)</sup> Texto: Cônego Luiz Carlos F. Magalhães.

Depois que chegou à Igreja do Carmo, a “Matriz Velha” de Barreto Leme, em 1963, as possibilidades de evangelização aumentaram para aquele vigário cheio de idéias, entusiasmo, garra e amor à sua vocação. Verdadeiramente, ele deu a vida pela Igreja: assumiu para si as necessidades, carências e problemas que o povo vivia e trazia para ele, nas conversas, confissões, visitas e celebrações.

Para o Padre Geraldo não havia cansaço. Os paroquianos é que precisavam tirá-lo da paróquia para alguns dias de repouso, “em algum lugar deserto”. Mesmo depois da enfermidade que lhe tirou parte dos movimentos das pernas, sua agenda estava sempre cheia de compromissos: aulas no Colégio Dom Barreto, visitas às famílias, bênção em ambientes de trabalho, palestras a jovens, casais e cursilhistas, inaugurações e missas.

Monsenhor Geraldo fez história na Rádio. Começou com o Padre Chiquinho, na PRC 9, Rádio Educadora de Campinas, em programa patrocinado por D. Mazuca, e não largou mais o microfone. Em 1969, a Rádio FM Andorinha, abriu-lhe as portas para um trabalho de evangelização. Tornou-se um radialista autêntico, anunciando a Palavra de Deus e comentando a vida do povo, a um “público anônimo, heterogêneo e disperso”. Gostava de reunir os radialistas para comemorar o “dia do Rádio” oferecendo-lhes um almoço, presentes e muita amizade. Às vezes, lamentava o fato de a Diocese ter perdido a Rádio Andorinha.

Os grandes eventos estavam sempre nas mãos de Monsenhor Geraldo. Ele gostava de proporcionar ao povo momentos de reunião, de festa religiosa, de muita fé e oração. Entre outros eventos maiores, nestes 37 anos de animação pastoral na Basílica, organizou a Paixão de Jesus Cristo e o show do Padre Zezinho, no Estádio da Ponte Preta, a vinda das imagens de Nossa Senhora de Fátima e de Aparecida; acolheu a Santa Cruz e as relíquias de Santa Terezinha.

O povo gostava de ouvir Monsenhor Geraldo: as pregações nas missas, as mensagens no rádio, os sermões nos grandes eventos, as cobranças aos políticos, os questionamentos à pastoral e, também, as exigências de uma vida de coerência e doação dos seus auxiliares na comunidade.

Algumas lembranças precisam ficar registradas nos Anais da Diocese: foi um dos incentivadores do Movimento Cursilhos de Crisandade, em 1972; conseguiu o título de Basílica Menor de Nossa Senhora do Carmo, para o Templo, em 1974; recebeu o título de

Monsenhor; implementou o Encontro de Casais com Cristo, em 1978; fundou a Rádio Central, com Lauro Moraes, em 1980; desenvolveu um trabalho de pastoral vocacional, organizando o Serra Clube, na paróquia, em 1982; promoveu várias peregrinações, à Terra Santa, Santuários Marianos, Roma e Canadá, desde 1994; celebrou com o Papa João Paulo II os seus 50 anos de sacerdócio, em 1996; orientou a reforma da Basílica para preservar o seu estilo gótico; construiu a “Porta Santa”, a sexta no mundo, para comemorar o Ano Santo Jubilar, a ser fechada em 31 de dezembro.

Cerca de 2 mil e 500 pessoas passaram pela Basílica, durante o velório de Sábado para Domingo. Dom Gilberto Pereira Lopes presidiu a celebração, Dom Luiz Antonio fez a encomendação do corpo, e outros 47 padres concelebraram, emocionados. Debaixo de uma chuva, fina e fria, foi conduzido o caixão para o Cemitério da Saudade. Na despedida, o canto de Nossa Senhora e as palmas da multidão. Era o dia 23 de julho do ano 2000. Monsenhor passou pela Porta Santa e foi celebrar o Jubileu na Casa do Pai.

## 2. AS BASÍLICAS ONTEM E HOJE

### 2.1. Da Basílica Pagã à Basílica Cristã

Basílica, (do grego *basilikós* = casa real) designava na Grécia antiga, o palácio do rei, porém existiam construções especiais com colunas e pórticos que na Grécia levavam o nome de basílica. Aí se reuniam os magistrados e os comerciantes. Posteriormente na Roma antiga vai designar o edifício amplo e de formato retangular, destinado a tribunais e local de encontro dos cidadãos. De fato, no século III a.C., a forma arquitetural da basílica grega foi introduzida em Roma. Com a conversão do imperador Constantino (313), e a elevação do cristianismo como religião oficial, as basílicas passaram a ser templos cristãos. Os locais de reunião das comunidades cristãs vão passar das casas (*domus ecclesiae*) para as basílicas pagãs, agora transformadas em templos cristãos. Muitos estudiosos falam da existência de basílicas cristãs

<sup>(16)</sup> Cf. FILORAMO, G. & MENOZZI, D., *Storia dei cristianesimo. L'antichità*, Roma, Laterza, 1997, p. 360.

mesmo antes de Constantino<sup>16</sup>. No final do terceiro século existiam perto de quarenta basílicas cristãs somente na cidade de Roma<sup>17</sup>.

## 2.2. A Arquitetura e Formato das Basílicas

As basílicas consistiam em um grande quadrilátero oblongo dividido em duas partes principais: pátio ou jardim retangular situado à sua frente, circundado de pórticos e colunas, e no interior, no fundo, um espaço menor chamado abside ou tribuna, cuja abertura tinha forma abobadada. A abside onde ficava o juiz e seus ajudantes ficou sendo o lugar dos presbíteros e do bispo, na basílica cristã. As basílicas vão ser edificadas principalmente sobre os túmulos dos mártires, para honrar sua memória, e propiciar a reunião de grande número de cristãos, no dia da festa do mártir (*dies natalis martyris*)<sup>18</sup>. Assim será edificada, pelo imperador Constantino, a Basílica de S. Pedro no Vaticano em 326, sobre o cemitério onde se encontrava o túmulo de S. Pedro. Porém com o passar do tempo foram sendo construídas basílicas dedicadas a Jesus Cristo, à Virgem Maria e aos Santos. Nestas basílicas havia três naves: a da direita era destinada aos homens, a da esquerda às mulheres e a do centro era destinada aos que se preparavam para o batismo e os que desejavam se fazer cristãos. O centro da basílica é o altar, sobre o qual se celebrava a Santa Missa, situado logo diante da abside e encimado por um baldaquino.

## 2.3. As Basílicas Ontem e Hoje

Com a expansão do cristianismo, construíram-se inúmeras basílicas no vasto império romano agora cristianizado. Muitas delas foram destruídas por inúmeras guerras. Muitas destas antigas basílicas cristãs permanecem, outras foram reconstruídas. Atualmente designa-se como basílica uma igreja privilegiada, de especial importância vindo logo depois da igreja catedral. O título de basílica hoje é conferido pelo papa através de um decreto. Existem quatro grandes basílicas *maiores* em Roma (as de S. Pedro, S. Paulo, S. João de Latrão e Santa Maria

<sup>(17)</sup> Cf. DANIÉLOU, J. & MARROU, H., em *Nova História da Igreja I*, Petrópolis, Vozes, 1973<sup>2</sup>, p. 248.

<sup>(18)</sup> Cf. JEDIN, H., *Manual de historia de la Iglesia*, vol. 11, Barcelona, Herder, 1980, pp. 440- 441.

Maior); todas as outras basílicas são chamadas *menores*. A basílica sinaliza nas várias localidades a presença do Santo Padre e a união do Povo de Deus com ele. No Brasil existem diversas basílicas menores, a mais antiga é a basílica de Nossa Senhora Aparecida criada pelo papa Pio X em 1908.

A basílica vai simbolizar a comunidade cristã reunida, como imagem do Reino de Deus ou o reinado de Deus (*basileus* = rei). A comunidade reunida na basílica, vizibiliza e antecipa o Reino de Deus, onde a fraternidade e o amor unem a todos na casa do Pai, o qual alimenta a todos no banquete eucarístico. A basílica hoje pode ser vista por alguns como resquício da era sacral da Igreja. Para outros, porém, a basílica preserva a memória de uma época de expansão do cristianismo sem igual. A basílica evoca o fim das terríveis perseguições movidas contra os cristãos pelo Império Romano. Perseguição que obrigava os cristãos a se reunirem nas catacumbas às escondidas. Com a liberdade de culto os cristãos puderam se reunir nas Basílicas. É sábio tirar do seu tesouro coisas novas e velhas, disse Jesus. A basílica é algo antigo, que está no tesouro da Igreja Católica e por isso tem seu valor ainda hoje, pelo que deve ser valorizada, sem preconceitos.

#### **2.4. Condições para que uma Igreja seja Basílica, Deveres e Privilégios**

Para que uma igreja receba do papa o título de basílica, requer-se que a mesma seja sagrada com o rito do Pontifical Romano e tenha seu altar consagrado e com relíquias de mártires. Requer-se ainda que a construção do templo seja digna de admiração pela sua beleza, em seu aspecto artístico. Que goze de certa notoriedade no seio da Diocese. Além disso supõe-se que este templo goze de especial predileção da população, ou pela sua antiguidade ou por seu aspecto devocional. Que seja um santuário ou lugar de peregrinação com afluência constante de fiéis. A basílica pode ter um timbre, símbolo ou escudo próprio com o selo pontifício (as duas chaves postas em aspas). O maior privilégio da basílica porém, é o seu próprio título, que a distingue das outras igrejas conferindo-lhe certo grau de apostolicidade por ter o Vigário de Cristo lhe posto a mão<sup>19</sup>.

<sup>(19)</sup> Cf. *REB 15*, (set. 1955), pp.690-691.

O principal símbolo da basílica é o *pavilhão* nas cores papais - vermelho e amarelo, a *umbrela* (símbolo da cúpula, de um templo que se destaca dos demais) e o *selo pontifício* ou seja, as chaves cruzadas. Na basílica devem ser celebradas com solenidade as seguintes datas: a festa da cátedra de S. Pedro (2 de fevereiro) a solenidade de S. Pedro e S. Paulo (29 de junho) e o aniversário de eleição do sumo pontífice reinante. A basílica deve dedicar-se também à divulgação dos documentos pontifícios e do magistério em geral<sup>20</sup>. Na basílica deve-se cuidar no esmero das celebrações litúrgicas, a pregação da Palavra de Deus deve ser constante e o atendimento ao povo principalmente quanto a confissões deve ser disponível. Numa basílica, pode-se ganhar as indulgências de praxe nas seguintes datas: na solenidade do titular, no dia dois de agosto (privilegio da Porciúncula), na solenidade de S. Pedro e S. Paulo e uma vez ao ano em dia a escolher.

## 2.5. Basílica do Carmo

Não só na Arquidiocese, mas em toda a Província eclesiástica de Campinas, que reúne as dioceses de Piracicaba, S. Carlos, Limeira, Amparo, Bragança, é a única igreja que tem este título de basílica. Na Arquidiocese de Campinas somente a Catedral onde fica a cátedra episcopal, tem precedência sobre a basílica. Portanto, é uma igreja singular.

A basílica de Nossa Senhora do Carmo tem todas as condições para ter recebido do papa este título. Ela está no local onde se ergueu em 1774, a primeira igreja matriz de Campinas. O distrito de Campinas havia sido fundado em 14 de julho de 1714 com a missa celebrada por Frei Antonio de Pádua Teixeira no quadrilátero que compõe a praça Bento Quirino e Pompeu de Camargo (praça defronte à Igreja), terra doada por Francisco Barreto Leme, fundador da cidade, cujo túmulo se encontra na própria basílica. A basílica passou por sucessivas reformas, como está hoje é resultado da reforma por que passou em 1932. Nela funcionou a matriz de Campinas até 1870, quando foi inaugurada a matriz nova, a atual catedral de Campinas.

Por este e tantos outros motivos a Basílica faz parte do patrimônio histórico da cidade. Com a inauguração da matriz-nova, a

---

<sup>(20)</sup> Cf. Decreto *Do título de basílica menor* de 06/06/1968 in AAS 60 (1968), 536ss.

matriz-velha foi posteriormente criada paróquia, com o título de Santa Cruz, mas mudou o título para Nossa Senhora do Carmo. Assim, a cidade de Campinas na época, passou a ter duas paróquias: a matriz-nova de N. Sra. da Conceição e a matriz-velha de Nossa Senhora do Carmo.

A basílica deve seu título a Mons. Geraldo Azevedo pároco de 1963 a julho de 2000. Com a aprovação do Arcebispo de então, D. Antônio Maria Alves de Siqueira, Mons. Geraldo preparou toda a documentação que incluiu desde o histórico completo da igreja, até a obtenção da aprovação da CNBB e a assinatura dos Cardeais do Brasil, aprovando a concessão deste título. A Congregação para o Culto Divino, após examinar a questão deu ao papa seu parecer favorável. Assim, em 06 de novembro de 1974, em forma de *Breve*, o Papa Paulo VI assinou o decreto, conferindo o título de basílica à matriz do Carmo. Fato comunicado oficialmente através do protocolo n. 2057/74 da Congregação para o Culto Divino, com a mesma data da assinatura do decreto do Papa Paulo VI.

A instalação foi realizada em solenidade presidida pelo Núncio Apostólico no Brasil, Arcebispo Carmine Rocco em 22 de junho de 1975, quando foram cumpridos todos os rituais para a instalação da Basílica, em meio a grande afluência do povo, amplamente documentada.

***André Luis Fávero, Rafael Capelato,  
Rodrigo Catini Flaibam, Sandro de  
Souza Portela e Wilson Enéas  
Maximiano cursam o 3º ano de Teologia  
no ITCR da PUC-Campinas.***